

## **RELAÇÕES SOCIAIS E O COTIDIANO NA “LOCALIDADE JORDÃO”: (1990-2005)**

Karina de F. Visentin Bochnia  
Graduada em História – DEHIS-UNICENTRO

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Beatriz Anselmo Olinto  
DEHIS-UNICENTRO

### **RESUMO:**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os diversos fatores sociais que compõem a complexidade e a dimensão no cotidiano dos moradores da localidade Jordão no final do século XX início do século XXI. Essa localidade é classificada pela prefeitura como um espaço suburbano, parte integrante do município de Guarapuava. Porém o binômio rural e urbano não se apresenta de forma tão simplificada na vivência dos moradores locais. No intuito de compreender essas relações e identificar os processos nos quais, durante os anos noventa do século passado, essa comunidade desenvolveu formas diferenciadas de percepções de si e das suas distinções internas, quando moradores de outros espaços passaram a residir no local. Eram pessoas com hábitos e costumes distintos, os quais não possuíam os mesmos códigos de conduta e valores, percebe-se nesse momento uma tensão entre os moradores “antigos” e os chamados “os moradores de baixo”, denominação utilizada para identificar os moradores mais recentes no local. A pesquisa analisará essas relações sob uma perspectiva inspirada na obra Estabelecidos e “Outsiders” trabalhada por Norbert Elias e John Scotson.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociabilidade. Espaço Urbano. Estabelecidos e Outsiders.

### **ABSTRACT**

The objective of this research is to analyze the various social factors that consists the complexity and dimension of the Jordão location inhabitants quotidian in late XX century and early XXI century. This location is classified by the City Hall as a sub-urban space belonging to the Guarapuava municipality. However for the local inhabitants the rural and urban binary does not presents itself in such simple form. Aiming to comprehend these relations and to identify the process where, while in the last century 90's, this community developed different forms of self perception and internal distinctions, when inhabitants from other spaces have just begun to live in that location. They were people with distinct habits and behavior, they had not the same manner codes and values, thus at this moment tension is perceived between the “old inhabitants” and the so called “the down under inhabitants”, a colloquialism referring to the newer inhabitants. The research will analyze these relations on a context inspired by “Estabelecidos” and “Outsiders” works by Norbet Elias and John Scotson.

**KEY WORDS:** Sociability. Urban Space. Estabelecidos and Outsiders.

O desenvolvimento dessa pesquisa teve como pressuposto aspectos de caráter metodológicos pensando a história como uma ciência social, e compreendendo o conhecimento histórico como uma construção a partir das fontes, através de conceitos, mas sob a interpretação do historiador. Dessa forma o historiador age produzindo um conhecimento a partir de seu critério de escolha, através das manifestações da vida dos indivíduos e das sociedades, devido as suas relações complexas no quadro das maiores totalidades.

No Brasil, as escolhas metodológicas por parte do profissional de história têm sofrido variações ao longo das décadas, como bem apontam as mudanças identificadas pela historiografia brasileira durante as décadas de 70, 80 e 90. De uma maneira sucinta enfatiza-se a história econômica de interpretação marxista nos anos 70, posteriormente a predominância dessa interpretação dando ênfase à história social e política a partir de 1980, e a ênfase da história nova em 1990 valorizando o cultural. (RIBEIRO JUNIOR, 2002, p. 29).

Nessa perspectiva é possível que se compreenda a definição do papel do historiador como observador de um objeto que está em constante transformação, ou seja, o homem e a sociedade, os quais realizam papéis ativos em determinados períodos.

Dessa forma cabe ao historiador a partir da sua relação com as fontes investigar resquícios, tentando compreender como o homem organizou as relações de convivência em um determinado momento o qual, a partir da escolha do pesquisador passa a fazer parte de uma direção histórica, que para Marc Bloch a palavra história tem o sentido de que:

[...] não proíbe, de antemão, nenhuma direção de pesquisa, quer deva orientar-se de preferência para o indivíduo ou para a sociedade, para a descrição das coisas momentâneas ou para a indagação dos elementos mais duradouros; ela não contém em si mesma nenhum credo; não obriga consoante a sua etimologia primeira, a outra coisa além da "investigação". (BLOCH, 1997, p. 85).

Assim sendo, investigar formas de sociabilidade de maneiras diferenciadas de como as pessoas se portam como grupos ou individualmente

em determinados espaços, em diferentes épocas é um modo de analisar o comportamento social que o homem constrói em convivência diária. Sob a direção desse olhar as propostas apresentadas nesse trabalho vêm no sentido de perceber a complexidade de relações na localidade Jordão a partir de 1990, onde moradores de outros espaços passam a residir no local, interferindo na convivência primitiva dos moradores, o que identifico aqui como “antigos”, que já moravam no local anteriormente (no mínimo uma década do período referido).

Será abordada uma pequena observação sobre as discussões em torno da classificação daquele espaço como urbano ou rural, através de documentos provenientes da Prefeitura Municipal de Guarapuava, do Arquivo Histórico da UNICENTRO e Arquivo Histórico do Centro de Planejamento Urbano de Guarapuava - CEPLUG, anterior ao referido no recorte para que se possam situar aspectos que compõe a localidade e suas relações mostrando que não se trata de fatores isolados e sim edificados historicamente.

### **História oral e memória.**

O recorte tende a valorizar variadas formas de se trabalhar características sociais de um pequeno espaço dentro da cidade de Guarapuava. Nesse intuito o contato com o artigo de Margareth Bakos, contribui para a pesquisa na medida em que analisa aspectos metodológicos, onde muitas vezes o historiador tende a segmentar o objeto ao adotar pressões e estímulos de outras disciplinas ao tentar dar conta de explicar algum fenômeno, segundo Bakos:

O recomendável para o exercício profissional de um historiador é exatamente buscar e valorizar as fontes, bem como estar em contato com a comunidade, para atualizar os enfoques, ou ele será em poucos anos como uma peça de museu, as quais embora muito belas esteticamente, por vezes tão distantes dos interesses de todos, que são por fim esquecidas. (BAKOS, 1975, p 223).

E do trabalho de Norbert Elias e John L. Scotson, sob a análise de uma pequena comunidade onde:

O uso de uma pequena comunidade como foco de investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de

unidades sociais, maiores e diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com maior minúcia considerável. (ELIAS, 2000, p. 20).

O trabalho com uma pequena unidade possibilita investigar detalhadamente cada aspecto presente no dia a dia das pessoas percebendo como convivem, porque se relacionam e o que pode causar essas relações, percebendo dessa forma que os problemas sociais mais diferenciados podem ser analisados de uma forma minuciosa partindo da vivência das pessoas.

O contato com as pessoas que residem no espaço denominado Jordão foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois o cruzamento de informações orais e oficiais é uma escolha que busca dar formas atualizadas e minuciosas ao enfoque. A valorização da pesquisa no trabalho com fontes orais vêm no sentido de situar os fatos em sua temporalidade, as entrevistas temáticas de forma aberta são realizadas após estudos sobre as terminologias locais. (ALBERTI, 2005, p.157)

Deve se refletir até que ponto os estudos sobre os grupos sociais marginalizados responde necessidades do pesquisador, esse, deve reconhecer que a necessidade de ouvir parte dele mesmo, para se lançar à pesquisa deve conscientizar-se das implicações de sua decisão. ( ALBERTI, 2005, p.159)

Acompanhando as transformações das sociedades modernas, é a partir de 1980 com a incorporação da história do tempo presente, que se tornam possíveis a transmissão da experiência coletiva. Novos objetos passam a destacar-se como á vida cotidiana, o trabalho e formas de sociabilidade, abordados em tempo presente.

A história oral permite estudar experiências de pessoas ou grupos ao criarem situações de aprendizado e decisões estratégicas, permitindo aproximar o historiador de modos de viver em diferentes grupos sociais. (ALBERTI, 2005, p.163).

O trabalho do historiador não está livre de pensar o conceito de memória, pois as pessoas em suas relações com a sociedade vivem em um espaço de constante disputa permeados por várias memórias, podem ser elas individuais ou coletivas. Deve-se lembrar de que memória não é história, a história aposta na descontinuidade onde se integram o registro,

distanciamento, problematização, crítica e reflexão. (MOTTA, 1998, p.76) A história investiga aspectos ignorados pela memória, é uma operação intelectual que ao criticar as fontes sob uma teoria, interpreta o passado informando não apenas a noção de consenso, mas também a do conflito busca uma representação crítica do passado. (MOTTA, 1998, p.77).

A memória, por sua vez, constrói uma linha reta com o passado que se alimenta de lembranças vagas, contraditória, sem nenhuma crítica às fontes, sendo um fenômeno sempre atual, recebe incentivos do presente para se consagrar enquanto um conjunto de lembranças de determinado grupo. O interesse do historiador pela memória está no fato de serem fontes históricas ajudando, a saber, o que tem sido lembrado ou recordado por um ou vários grupos sociais (MOTTA, 1998, p.77).

Segundo Michel Pollack, a memória possui quatro elementos constitutivos, através dos quais se realiza um esforço de unidade física construindo um espaço temporal, são eles: os acontecimentos vividos pessoalmente; os vividos “por tabela”, possibilidades de identificação com o passado, tão fortes que as pessoas que não o viveram se tornam coparticipantes deste período; memórias constituídas por personagens; e lugares de memória, onde se realizam atos de comunicação. (POLLACK, 1992, p 12)

Lembrando que a construção da memória implica também o esquecer, se realiza o aspecto da amnésia social que é um processo o qual depende dos fatos que o grupo escolhe para lembrar, tendo a possibilidade de esquecer, ou fazer-se esquecer acontecimentos que ao ser lembrado ameaçam a unidade do grupo e questiona sua identidade. (MOTTA, 1998, p. 77-78)

Apontando as diferenças da memória percebe-se que ela pode ser tanto social como individual; enquanto grupo existe um esforço em transmitir, reter e reforçar as lembranças; enquanto individual, o recordador trabalha-as paulatinamente, individualizando a memória comunitária no que lembra e como lembra, fazendo com que fique o que possa ser significativa. (CHAUÍ,1994, p.31)

A memória individual é a recordação de uma pessoa que só se torna um fato social quando expressa verbalmente para alguém e para que tomem sentido devem ser pensadas enquanto construídas por grupos sociais, enquanto a memória coletiva pertence a um determinado grupo, assegurando solidariedade aos seus componentes, é a memória unificadora e integradora que dá um sentido harmônico. (MOTTA, 1998, p. 77-78).

Nessa sentido, o trabalho com a história oral nos permitiu abordar aspectos vividos e elaborados na memória dos moradores da localidade Jordão, lembrando sempre que a memória, consiste em um trabalho de representação do real, ou seja, parte de sua vivência é relatada através do esforço em que ela tende a lembrar, ou a esquecer, conforme as respectivas aceitações sociais.

### **Formação da Localidade Jordão: Entre Memórias e Histórias.**

A localidade popularmente conhecida como Jordão possui este nome por causa do Rio Jordão, que nasce na localidade pelo encontro das águas dos Rios das Pedras e do Rio Bananas. Conforme o Engenheiro de Planejamento Urbano: *“A comunidade nasceu com a doação das terras pelo Município, na colonização desta área com a formação da Colônia Agrícola Municipal do Jordão”*<sup>1</sup>.

Foram destinados os terrenos para produção agropecuária, conforme a localização de mapa datado em 1927<sup>2</sup> e conforme título de concessão datado em 27 de setembro de 1971, segundo o qual se percebe que, até esse momento não havia preocupação com o pagamento de impostos já que conforme a lei nº 459 de 29/01/1929 o local era destinado à obrigação de cultura efetiva<sup>3</sup>, demonstrando que o projeto da prefeitura tinha como foco a

---

<sup>1</sup> Entrevista cedida pelo engenheiro Flavio Alexandre, se referindo à localidade, analisada em um mapa de 1927 do CEPLUG- Centro de planejamento Urbano de Guarapuava, o mapa descreve a localidade como uma colônia municipal, o engenheiro afirma que as terras foram doadas pela prefeitura como realização de um projeto. O que uma das moradoras relata é que não havia cobrança de impostos, o que se percebe também nos títulos de concessão conforme as leis nº 459 de 29/01/1929, mas quanto à afirmação de que as terras foram doadas, não existe comprovação, pois a moradora Lurdes relata em entrevista que os terrenos foram comprados.

<sup>2</sup> Arquivo Histórico do Centro de Planejamento Urbano de Guarapuava - CEPLUG, 1947.

<sup>3</sup> Comarca de Guarapuava - PR 3º Ofício de Registro de Imóveis Protocolos 1829, 1969.

manutenção da colônia e suas organizações de cultivo como forma de subsistência entre os moradores dessa região.

É possível identificar a preocupação do engenheiro em fornecer informações, destacando o fato de que as terras foram doadas pelo município em favor de uma colônia que possuísse princípios de manutenção agropecuária na região e cultura de subsistência.

A moradora Lurdes Diniz, residente no local há quarenta anos, através de entrevista realizada no transcorrer da pesquisa, aborda algumas lembranças, durante a época em que o local passa a ser habitado:

Aqui nos nosso documento de primeiro ninguém pagava imposto, porque aqui era colônia, antes era colônia né, ninguém pagava imposto, hoje que entrou esses... daí foram loteando né, que tudo tinham seus terreno né daí um vendia pra outro ia lá fazia suas escrituras ninguém pagava a... tipo assim por causa que era era colônia né, podia planta podia criar era colônia né, se misturava como eu tinha uma comadre minha que morava ali na frente que foram embora pra Ponte Alta , as vezes nós com a comadre tinha de olhar para ver qual que era a galinha minha qual que era a dela que misturava tudo né... (Lurdes Diniz, entrevista, 2007).

Observa-se a preocupação da moradora em apontar a tranqüilidade em viver no local nessa época, sem a preocupação burocrática, sem a necessidade do pagamento de impostos, já que se trata de uma colônia. A fala da moradora nos remonta a perceber formas de relações que esse espaço proporcionou, nesse período, através das maneiras de subsistência, a intimidade com os vizinhos, a forma de confiança que se deposita na casa mais próxima.

D. Lurdes identifica o espaço como colônia conforme o trecho da entrevista: “{...} *aqui era colônia, antes era colônia né, ninguém pagava imposto* {...} a percepção do espaço como Colônia identificada na entrevista, é um incentivador de proximidade criando-se através dos vizinhos laços de confiabilidade, uma rede de relações que se misturam através da convivência diária. Tanto o engenheiro quanto a moradora defendem o espaço como colônia.

Comparando as entrevistas analisa-se uma primeira contradição entre a fala do representante da prefeitura com a fala da moradora local, pois o primeiro afirma que as terras foram doadas pela prefeitura para que os

moradores viessem a exercer suas funções de criação de gado e agricultura, já para a moradora a lembrança é de que as terras foram adquiridas através de pagamento.

Voltando à fala da moradora Lurdes, ela caracteriza os momentos iniciais de ocupação da localidade:

Não aqui era mato veio, tinha bastante indústria sabe que aquele tempo tinha essas serrarias que nós viemos, que veio trabalha , tinha aqui tinha a serraria do Nivaldo lá aonde que é a fábrica era a usina, tinha olaria... o que mais eu sei que tinha tudo e hoje não tem nada mais, tem só a fábrica, agora não tem mais nada. Daí foi comprando né os lotinho e foi fazendo, daí ali onde que é o corpo da vila ali era o terreno de um compadre meu daí ele morreu, daí a mulher tinha gado tudo ali, sabe, daí foi indo foi indo que ela lotio tudo, onde que era invernada, assim que diz né, era ali onde que é a vila ali, era da comadre Constantina falecida, mas isso faz muitos ano. (Lurdes Diniz, Entrevista, 2007).

Na passagem acima, novamente Lurdes destaca que as pessoas foram comprando os lotes e assim formaram sua propriedade, para ela as pessoas vieram para a vila pelo fator do trabalho, trabalho esse em indústrias e serrarias as quais demonstram a exploração da madeira na região de Guarapuava nesse período, mas também a importância do gado.

A identificação dos locais na vila são lidos pela moradora através de, suas experiências pessoais, como o falecimento de conhecidos. Os moradores mantinham suas criações compreendendo-se que a sobrevivência não dependia apenas da agricultura e da pecuária, mas, segundo dona Lurdes, trabalhavam em serrarias e foram comprando os lotes e fazendo as casas.

Sobre o mesmo período inicial da ocupação do local, o Engenheiro Flávio fala que:

Com a instalação da Usina Hidroelétrica, o Rio Jordão, que recebeu uma represa para geração de energia no local, abastecendo a cidade e servindo a Fábrica (Boese), instalada no local; a partir desse momento a comunidade desenvolve-se timidamente. (Flavio Alexandre, entrevista, 2006).

A instalação da usina ocorreu no dia 2 de fevereiro de 1924 (informação disponível em <[www.Gruporede.com.br/oeste/empresa.asp](http://www.Gruporede.com.br/oeste/empresa.asp)> Acesso em 21/05/2007). Nesse momento a localidade em questão e o município de



Guarapuava passam a receber energia elétrica com geração no próprio local, fornecendo também as serrarias.

Observando que a ocupação do espaço aconteceu da oferta de trabalho, é possível pensar que, apesar de existir um projeto obrigatório de cultura efetiva no local, a instalação de uma usina hidrelétrica impulsiona a instalação de serrarias, demonstrando que a manutenção dessas pessoas efetivou-se nessa uma colônia municipal com base nas práticas de desenvolvimento econômico da época.

Importante ressaltar que a análise em questão não possui a intenção de priorizar aspectos sob o viés econômico, mas este pode se tornar um direcionamento a novas pesquisas, na medida em que as fontes oferecem informações.

Novamente as falas da prefeitura e moradora divergem. Enquanto o Engenheiro destaca a atuação da prefeitura, a moradora lembra a organização autônoma dos próprios moradores.

Em um dos terrenos disponibilizados pelo município, segundo o Engenheiro da Secretaria Municipal, Flávio Alexandre, foi onde surgiu o primeiro loteamento. Loteamento esse que: segundo as entrevistas, foi organizado pelos próprios moradores da região, que em sua maioria vieram de outras regiões para trabalhar (Entrevista com senhora Lurdes Diniz, página 6 do referente artigo). Ainda segundo o engenheiro: *“Esse local foi cortado pela Rede Ferroviária Federal em 1954 e a instalação da Estação Afonso Camargo”*. (Segundo o engenheiro: Flavio Alexandre, entrevista, 2006). Nessa mesma época também aconteceu à construção da ponte, pois antes a passagem era feita pelo próprio leito do Rio Jordão, sobre as pedras.

As informações fornecidas pela prefeitura vêm no sentido de mostrar que a política prestou seu papel como iniciante “auxiliadora” do progresso nesse local, enquanto os moradores tendem a reforçar que quem iniciou o processo de organização das moradias foram eles.

O projeto de colônia municipal se confirma através da fala da moradora Lurdes, mas a condição de trabalho não dependia somente da agricultura, nota-se que se formam serrarias, novas pesquisas podem indicar o porquê

dessa colônia. Mas a condição em ceder terras para os moradores nos permite averiguar, através das entrevistas, que a compra dos terrenos foi realizada pelos próprios moradores.

O esforço em mostrar as dificuldades que enfrentaram ao se estabelecer no local, ao mesmo tempo em que oferece condições de compadrio com os vizinhos mais próximos, possibilita a construção de suas relações de maneira independente, montando suas estruturas constantes na medida em que:

O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele representar um grupo poderoso – e, segundo a equação efetiva do indivíduo, singularmente valioso e humanamente superior – estão funcionalmente ligados a disposição dos membros de se submeterem às obrigações que lhes são impostas pelo fato de pertencerem ao mesmo grupo. (ELIAS, 2000, p 26)

Conforme a perspectiva de Elias, as relações entre os estabelecidos se iniciam no momento em que os grupos são de uma maneira ou outra, obrigadas a conviver tornando-se interdependentes, ou seja, as pessoas se relacionam e organizam formas de convivência em um determinado espaço, de forma a aceitar normas de pertencimento a um grupo, deixando algumas vezes de exercer atividades diárias, ou defender convicções pessoais em favor do favorecimento dos ideais impostos pelo grupo, o qual é recompensado pela satisfação de pertencimento a ele.

São esses alguns dos aspectos que compõe o surgimento da comunidade em sua fase inicial. Em seguida serão destacados os momentos em que a localidade vai tomando rumos diferenciados, na medida em que se integram novas moradias, e principalmente a partir dá década de noventa onde às características urbanas passam a integrar esse local.

### **O olhar do antigo morador: o Jordão torna-se diferenciado.**

A partir das entrevistas realizadas na comunidade, das informações da Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo – SURG, e da contribuição do Engenheiro de Planejamento Urbano Flávio Alexandre, compreende-se que houve uma modificação do local. Entre o planejamento da política atuante a partir de

1927<sup>4</sup>, e a fase de 1980, a qual se percebe o desenvolvimento do local, e o período de 1990 quando surgem novos moradores e os primeiros “loteamentos urbanizados”<sup>5</sup>.

Assim, o planejamento de 1927 permite perceber um projeto que idealiza uma colônia sendo que o mapa dessa época é intitulado: Colônia Agrícola e se observa ainda na documentação de terrenos concedidos informações da seguinte maneira: “O concessionário fica obrigado a edificar chácara e manter cultura efetiva, conforme Lei nº 459 de 29/01/1929”<sup>6</sup>, porém, de forma alguma justifica compreender que os moradores sobreviveram desse projeto como forma de subsistência, pois, como bem indicou a entrevistada D. Lurdes, haviam outros trabalhos, sendo a agricultura apenas um incentivo na isenção de impostos.

O desenvolvimento do local e a mudança de planejamento comparada entre 1927 e 1980, são analisados sob o viés das informações da prefeitura por meio do Engenheiro Flávio Alexandre, que cita o seguinte:

*A Prefeitura Municipal adquiriu a área ao lado da Gleba 02 e em 1986, construiu um núcleo habitacional composto de 24 casas para famílias de baixa renda para famílias que moravam na localidade e áreas rurais próximas.*

*Glebas são terrenos próprios destinados à cultura, os terrenos foram mantidos, mas não se fala mais nas práticas de agricultura e pecuária no local. Nesse momento, a Política atuante se oferece à construção de um núcleo habitacional às famílias, a preocupação da prefeitura se volta aos problemas de habitação na cidade de Guarapuava. Sobre a lembrança dos moradores, diante o mesmo processo ocorrido na década de 80, é importante ressaltar como sentiram as mudanças ocorridas no período. Em entrevista temática com a moradora Maria, ela conta como chegou à localidade:*

*Bom eu moro aqui desde que, que nasci eu morava numa chácara e aqui faz uns acho que uns vinte anos que me mudei pra vila (pausa) e era bem mais difícil do que é agora né..., porque nesta casa onde*

---

<sup>4</sup> Observação dos mapas do Arquivo Histórico do centro de Planejamento Urbano de Guarapuava – CEPLUG

<sup>5</sup> Segundo o Engenheiro Flávio Alexandre: em 1994 foram realizadas em terra do município: o primeiro loteamento Urbanizado com 55 lotes e em 1998 foi realizada a segunda etapa, com 58 lotes urbanizados e destinados a famílias de baixa renda.

<sup>6</sup> Arquivo histórico do centro de planejamento urbano de Guarapuava CEPLUG 2006.

eu estou agora não tinha luz, luz elétrica, não tinha água encanada, é é a as ruas eram... eram com pedras né, não como é que se diz não eram como essas pedrinhas que tem agora, era só cascalho né... foi os moradores que ajudaram a construir né, então foi entrado com a é com a codaphar né? Foi entrado com o material,e os moradores que que construíram praticamente né, os que moram agora. (Maria, entrevista, 10/03/2007)

Dona Maria afirma que os moradores que passaram a constituir o loteamento nesse momento juntamente com os identificados “antigos” aqueles que trabalhavam nas serrarias, eram em sua maioria pessoas que possuíam chácaras na região, percebendo que já conviviam no local pode se notar uma identificação com a localidade, esses identificados nessa pesquisa como “tradicionais”. A pequena colônia recebe novas casas, os colonos possuem nesse momento perspectivas de melhorias com as novas habitações e melhores condições, essas sempre lembradas como “conquistadas por eles” tornando a comunidade mais próxima do “desenvolvimento”.

A fala da moradora Maria, que é uma dessas pessoas que moravam nas chácaras próximas ao loteamento, nos leva a observar a intenção em acentuar o fato de mostrar a união dos moradores em torno de uma causa, em se tratando de uma comunidade, a necessidade que as pessoas têm em contar as dificuldades para afirmar a identidade do morador que sofreu que batalhou para “conquistar” seu espaço de forma independente, pois era um lugar precário, não possuía água nem luz, as ruas eram de cascalho.

Pertencendo ao grupo de pessoas que passaram por dificuldades, tecem as mesmas formas de efetuar o discurso, esse é aceito pelos moradores mais “antigos” fazendo parte de uma relação interdependente entre Estabelecidos. Pois, fazendo parte desse universo passam a adotar o discurso de moradores da colônia, pessoas que cultivam que sofrem e que trabalham, para que possam ser vistos pelos primeiros moradores como pessoas de “boa índole”, na tentativa de integrar - se às normas do grupo já existente, os moradores dos anos 80 identificados como “tradicionais”, desenvolvem laços de afinidade e conseguem penetrar no grupo dos “antigos” tornando se interdependentes.

Dessa forma os moradores que constituíram novas casas na década de 1980, aqui, chamadas tradicionais, mesmo essas casas fazendo parte de um

“BNH”,<sup>7</sup> foram aceitos pelos moradores antigos, pois as pessoas dessa década engessaram o discurso da localidade e entrelaçaram suas relações diárias com os moradores já existentes, diferentemente do que acontecerá na convivência com os moradores que vieram no período a partir de 1990 os quais são identificados como moradores da “vila de baixo” conforme a entrevista: “*Tinha, tinha os moradores antigos na vila né, e quando eu morava nesta chácara então não, não tinha essa vila nova que foi formada ali em baixo..., esse loteamento né...*” (Maria, entrevista, 2007)

Assim, moradores antigos e tradicionais, sentem-se incomodados pelos moradores novos, constituindo uma configuração de Estabelecidos para os dois primeiros grupos, fazendo oposição aos da “vila de baixo” permitindo perceber esses últimos como “Outsiders”

Dessa forma, a localidade Jordão é formada diante uma configuração identificada como colônia agrícola, por mais que as pessoas obtivessem outras formas de renda como o trabalho nas serrarias, sentiam-se como moradores de uma colônia agrícola, pois além do local estar distante a 6 km da área urbana de Guarapuava, essa era uma forma de pertencer ao grupo .

Sendo que se percebem como grupo a partir do momento em que trocam suas experiências iniciais, do momento em que passam a constituir o local em suas relações de trabalho ou vizinhança, essas pessoas conseguem se relacionar de maneira a encarnar as obrigações do grupo, como bem relatou D. Lurdes: “*às vezes nós com a comadre tinha de olhar para ver qual que era a galinha minha qual que era a dela, que misturava tudo né...*” (Lurdes Diniz, entrevista, 2007).

Essa maneira como as pessoas cumprem suas obrigações e relatam de forma prazerosa, é o momento em que já estão bem definidas como membros de um grupo bem identificado e coeso, os quais através da colônia conseguem se afirmar.

---

<sup>7</sup> Referência de Maria em entrevista cedida dia 10/03/2007, em relação às casas construídas em 1986, na gestão do prefeito Nilvaldo Kruguer com o financiamento do BNH (Banco Nacional de Habitação)

**“Os moradores da vila de baixo”:** as novas dimensões no cotidiano.

Diante das afirmações acima, entende-se que houve um processo de aceitação social entre os moradores “antigos” e “tradicionais” onde os segundos através de ações e discursos tendem a integrar a satisfação dos primeiros compreendendo suas regras e leis estabelecendo-se efetivamente nas relações do grupo, sobre essas condições Norbert Elias e John L.Scotson refletem: *“A satisfação que cada um extrai da participação no carisma do grupo compensa o sacrifício da satisfação pessoal decorrente da submissão às normas grupais.”* (ELIAS, 2000, p 26)

Essas normas e códigos de conduta se mostram não entendidas pelos numerais que constituem a comunidade a partir de 1990, esses fazem parte do Plano de Desenvolvimento Urbano<sup>8</sup>, conforme a indicação do Engenheiro de Planejamento Urbano e Habitação da Secretaria Municipal – SURG, Flávio Alexandre:

Em 1994 foi realizada em terras do município, o primeiro loteamento urbanizado com 55 lotes, em 1998 foram realizados a segunda etapa, com 58 lotes urbanizados e destinados a famílias de baixa renda. (Flávio Alexandre, entrevista, 2007).

O plano de Urbanização é apontado pelo engenheiro, mas nota-se que os lotes são destinados a famílias de baixa renda, em momento algum a prefeitura fornece algum estudo sobre a situação social dessas famílias, ficando compreensível que o projeto de Urbanização é destinado à cidade de Guarapuava e não a localidade Jordão em si, pois segundo a moradora Maria: *“Na verdade é um loteamento né... parece-me que, esse povo, que foi feito esse loteamento, era aquele povo da... volta redonda...”* (Maria, entrevista, 2007)

Lembrando que a identificada “volta redonda,” como a moradora fala assustada mente, seria uma área concentrada de favelas localizada atrás da Universidade Estadual do Centro-Oeste Unicentro e próximo à sede social do clube Guaíra Campestre. Nesse período as favelas são extintas dessa área.

---

<sup>8</sup> Segundo entrevista com Flavio Alexandre: *“ A urbanização ocorreu num processo gradual,, junto com a ocupação, foram sempre implantadas e melhoradas a infra-estrutura”*.

Em um estudo desenvolvido sobre a modificação do espaço Urbano em Guarapuava, Marques lembra:

Do ponto de vista da elite dirigente a favela constituía-se numa ameaça ao desenvolvimento da cidade, particularmente por razões estéticas e por contrariar o projeto de embelezamento urbano. E, as favelas foram sendo cada vez mais empurradas para fora dos domínios centrais da cidade, para além dos muros imaginários que fecham suas portas para o subúrbio, como nas cidades medievais. (MARQUES, 2000, p 67)

A autora mostra a preocupação da elite dirigente na década de oitenta em demonstrar uma imagem de uma cidade embelezada, cobrando essa função do poder,

Executivo o que promoveu a retirada das favelas do centro, transferindo-as para áreas mais distantes. Uma dessas favelas foi a da Concórdia, onde os moradores demonstraram resistência e a prefeitura ofereceu o espaço do Jordão. (MARQUES, 2000, p.22)

Na tentativa de resolver um problema, tirando o “incomodo das vistas” da sociedade: a marginalização, a pobreza e a miséria, fatores reais em Guarapuava, acarreta outro problema, mas esse segundo é integrado pelo discurso da urbanização refletindo-se na localidade Jordão, que sendo bem definida como grupo já estabelecido vê problemas na divisão do espaço, e como grupo bem identificado lança estigmas sobre as condutas dessas pessoas que vem de outra localidade.

Essas pessoas não fazem parte do grupo, são pessoas diferentes das quais convivem, sobre esse fator cabe demonstrar a idéia que:

(...) um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos – o que constitui, essencialmente, o que se pretende dizer ao falar de uma configuração estabelecidos e *outsiders*. (ELIAS, 2000, p. 22)

Essa reflexão permite visualizar as relações entre os moradores do Jordão, sobre esse viés na medida em que aborda que as fontes dessa natureza podem variar ao se fundamentar o sentimento de superioridade humana do grupo estabelecido e relação ao grupo de fora, mostrando em muitos

contextos, características comuns e constantes onde percebe o conceito de unidade estrutural comum e suas variações de relação. (ELIAS, 2000, p. 22).

O modo em apontar como o outro grupo se diferencia está no fato de que não são aceitos pelos padrões do grupo interdependente, sobre a forma como os moradores da comunidade se sentem ameaçados com a chegada de outras pessoas, existe uma necessidade em afirmar ainda mais as normas do grupo, nesse sentido se observa a dificuldade do grupo estabelecido em aceitar o grupo considerado aqui como *outsiders* o que Norbert Elias e John L. Scotson classificam como os de fora, os que não se encaixam nas normas de conduta.

A entrevista de Dona Maria, nos proporciona essa análise. Ao perguntarmos sobre a construção dos lotes a moradora relata:

Ahã, no começo assim foi bem difícil porque era...., outros tipos de pessoas diferentes da, da pessoa pacata que morava aqui né..., com outros costumes... com outras é... como é que se diz...É com outro jeito, outros costumes, outros hábitos outros tipo de gente, né... e mas também foi, porque aqui é uma vila distante do centro então esse tipo de gente não se acostuma ficar longe né, longe do centro assim... (Maria, entrevista 2007)

Percebe-se a dificuldade em integrar-se com pessoas diferentes, elas possuem outros hábitos outros costumes, são pessoas que não conviveram em uma localidade entrelaçada por condutas vindas de uma pequena colônia de pessoas tranqüilas, pacatas, são pessoas que vieram das “margens da cidade”.

A diferença é bem acentuada pela moradora, se vieram de lá é para lá que tem de voltar, pois não se acostumam em um lugar tranqüilo, na medida em que se sentem ameaçados tentam mostrar uma autoimagem o quanto são pessoas de boa formação e o outro grupo pode causar problemas, pois já existe uma regra de convivência. Perguntando ainda sobre a vinda dessas pessoas para o local, Maria nos relata sobre as influências negativas que esse grupo de fora causa, pois, existiam normas de conduta que sofreram modificações a partir do momento em que passou a existir um contato com o “outro”.



Se criavam os filhos assim é dentro da moral da da ética né, então esse povo mais antigo que ta ainda hoje aqui né..., é cria os filhos assim e daí com, com a chegada assim “deles “ né, foi a gente foi vendo criança na rua..., né andando mais pra rua, que a gente não via.... é roubo que não existia, sabe, a droga sabe? Tudo essas coisa que não existia... (Maria, entrevista, 2007).

Existe um padrão em que os filhos são criados sobre uma idéia de “moral e ética” adotada pelos “antigos” e integrada pelos “tradicionais”, são esses que sabem educar os filhos corretamente seguindo esses padrões.

Na visão da entrevistada os novos moradores não teriam ética nem moral, pois, educavam seus filhos diferentemente, as crianças ficavam nas ruas, eles roubavam e usavam drogas, quer dizer que, segundo a entrevistada, nada disso existia anteriormente, à chegada desses moradores, passa a representar uma ameaça para a comunidade. Sobre o mesmo discurso da preocupação com o desenvolvimento da cidade organizado pela Prefeitura, representantes do legislativo e moradores debatem: “*Câmara vai realizar fórum sobre segurança pública*” sobre manchete no jornal Diário de Guarapuava, será destacado um pedaço da matéria no sentido de compreender a análise:

*Na tentativa de diminuir o Número de roubos nas propriedades privadas do Vale do Jordão, moradores da localidade e membros da Associação dos Produtores Rurais do Vale do Jordão realizam, no último sábado, uma reunião com representantes de diversas entidades ligadas à segurança pública de Guarapuava. A intenção foi debater possíveis soluções para os problemas de segurança enfrentados naquela localidade. (Jornal Diário de Guarapuava, 09/05/2006).*

A intenção da pesquisa não é se posicionar em favor do grupo “outsider” a proposta é no sentido de mostrar o quanto o grupo Estabelecido tem a capacidade de se organizar em autodefesa. O grupo Estabelecido se coloca na postura de defensores “da moral e da ética”, o que possui as regras da boa convivência, mas quando surgem problemas, não sendo capazes de resolvê-los em integração com a localidade, buscam ajuda a órgãos superiores, demonstrando a não aceitação entre os grupos, da mesma forma os órgãos públicos tentam colocar para a sociedade em geral que é a Câmara Municipal em busca de soluções para as questões ligadas à segurança pública e não a organização dos moradores isoladamente.

Sendo que as posições postas aqui são interdependentes, o grupo estabelecido depende de um equilíbrio estável de poder com as intenções que lhes são inerentes, sendo uma pré-condição para uma estigmatização<sup>9</sup> eficaz sobre o grupo “outsider”. (ELIAS, 2000, p 23).

Assim o grupo que a Prefeitura o coloca em outro espaço “os moradores de baixo”, não é aceito pela comunidade que o estigmatiza, lembrando ainda que segundo Norberth Elias e John L. Scotson: “*Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído*” (ELIAS, 2000, p 23).

Percebe-se que em momento algum, o grupo marginalizado ou “dos moradores de baixo” é integrado nessa situação, pois são considerados inferiores, porém os moradores “antigos” e “tradicionais” tendo a posição da Câmara Municipal ao seu favor utilizam-se dela para mostrar a imagem de seu valor superior como meio de manter sua superioridade social.

### **Considerações finais**

As falas dos moradores são fontes fundamentais para pensar a análise sobre o desenvolvimento do local, onde a partir da década de noventa a colônia se apresenta uma localidade em contato com a urbanização. Analisando essa situação, a questão pertinente aqui seguindo essa temporalidade, será pensar sobre essa nova conotação no Jordão, o que sobrou do espaço rural?

Nessa perspectiva foi permitido perceber como a constituição da localidade Jordão sobre um projeto de colônia, se identificou em relação ao espaço rural e que a partir da década de 1980 um grupo de colonos da própria região consegue integrar as mesmas características dos fundadores do Jordão. E essa identidade se torna ainda mais acentuada a partir da década de 1990,

---

<sup>9</sup> O estigma é um princípio organizador da diferença, ele responde a uma necessidade de ordenação, catalogando-a em uma humanidade inferiorizada perante aos demais. Ver GOFFMAM, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.( p 13).

momento em que a localidade recebe novas moradias tomando características de um local em urbanização.

Com a chegada dos novos, os grupos de moradores tanto “antigos” como “tradicionais”, tende a reforçar sua coesão, afirmando a posição de que o Jordão é um espaço de características rurais de pessoas que batalharam para conquistar essa posição e dessa forma identificar que existem regras para ser aceito na convivência diária do local, que antes do projeto de urbanização era um local pacato e tranqüilo segundo os grupos estabelecidos.

Assim sendo, ao primeiro olhar aparenta ser esse um local homogêneo, tanto social econômico quanto culturalmente, mas ao adentrarem-se em suas sociabilidades, as relações entre moradores em convivência diária nos permite perceber que existem percepções diferenciadas, nos quais as pessoas identificam-se como grupo e constituem valores específicos, a localidade Jordão é composta e baseada na pequena agricultura, porém a Prefeitura Municipal continua definindo - a como região suburbana e enviando para essa, pessoas em condição as quais pretende afastar do espaço urbano.

## **FONTES ORAIS**

ALEXANDRE, Flávio. Entrevista Oral Temática, realizada e transcrita pela Acadêmica do 4º ano de História: Karina de Fátima Visentin Bochnia. Guarapuava, 15/03/06

DINIZ, Lurdes. Entrevista Oral Temática, realizada e transcrita pela Acadêmica do 4º ano de História: Karina de Fátima Visentin Bochnia. Guarapuava, 28/04/2007.

LUZ, Maria da. Entrevista Oral Temática, realizada e transcrita pela Acadêmica do 4º ano de História: Karina de Fátima Visentin Bochnia. Guarapuava, 30/04/2007.

LUZ, Pedro da. Entrevista Oral Temática, realizada e transcrita pela Acadêmica do 4º ano de História: Karina de Fátima Visentin Bochnia. Guarapuava, 30/04/2007.

MARIA. Entrevista Oral Temática, realizada e transcrita pela Acadêmica do 4º ano de História: Karina de Fátima Visentin Bochnia. Guarapuava, 10/03/2007.

## **FONTES ESCRITAS**

Jornal Diário de Guarapuava, edição 09/05/06. Arquivo Histórico da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO.

Mapa: Colônia Agrícola Municipal. Guarapuava, 1927. Arquivo Histórico do Centro do Planejamento Urbano de Guarapuava – CEPUG.

Mapa: Colônia Agrícola Municipal e colônia Municipal, Guarapuava, 1947. Arquivo Histórico do Centro de Planejamento Urbano de Guarapuava – CEPLUG.

Titulo de Concessão de Terreno Foreiro. Comarca de Guarapuava, 3º registro de imóveis, 1971. Arquivo Histórico do Centro de Planejamento Urbano de Guarapuava – CEPLUG.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In. PINSKY, Carla Bassanezi. (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 157-163.

BAKOS, Margaret Marchiori. A cidade está na moda a pouco tempo: reflexões gerais. **Estudos Ibero – Americanos /Pós Graduação de história, PUCRS**. Porto Alegre, 1975.

BARROS, J.D. **O campo da história:** Especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. **Introdução a história.** Tradução de Maria Manuel, Rui Grácio e Vítor Romaneiro. Portugal: Europa-América, 1997.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade:** Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** São Paulo: Editora Unesp, 2002.

ELIAS, Norbert (org). **Os Estabelecidos e os OUTSIDERS:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HEINICH, Natalie. **A sociologia de Norbert Elias.** São Paulo: EDUSC, 2001.

MARQUES, Márcia Terezinha Tembil. **De onça a rouxinol:** a cidade e a favela. Guarapuava, 2000, Dissertação (Mestrado em História). UNESP / UNICENTRO.

MEIHY, José Carlos. **Manual da história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

MOTTA, Márcia. Maria Menendes. História e memórias. In: MATTOS, Marcelo Badaró (org). **História: pensar e fazer.** Rio de Janeiro: Laboratório dimensões da história, 1998.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos.** Rio de Janeiro, vol 5, n 10, 1992, p.201

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol 2, nº 3, 1989, p.12

RIBEIRO JUNIOR, José et al. **História no vestibular da UNESP (1990-2000).** São Paulo: Fundação Vunesp, 2002.

TEMBIL, Márcia. **Em busca da cidade moderna:** Guarapuava Reconpondo histórias, tecendo memórias. Guarapuava: UNICENTRO, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. **A Pesquisa em História.** São Paulo: Ática, 1991.